

O Retorno de Bennu

Majela Colares

Sumário

Nota do Autor. 17

A Específica Experiência Vital de Majela Colares
– *Alexei Bueno* 19

O RETORNO DE BENNU

PERCEPÇÕES. 27

Manuscrito 31

Cantata 33

Miragem 34

Mormaço 35

Ruminança 36

ALUMBRAMENTOS 37

Trilha Umbilical Remota 41

As Horas de Deus 42

Palavras a um Futuro Sol 43

O Retorno de Bennu. 44

Eu e Minha Aldeia 49

Meu Infinito 50

Além do Silêncio 51

Tempo de Espera 52

Percepção Plena	53
Tatuagem	54
Encantamento da Luz	55
Caminhos de Longe	56
Insônia de uma Noite Moderna	57
Breviário de uma Noite Única	60
Por Trás da Cortina	61
Análise de um Fim	63
Marca de Giz	64
Apocalipse Não	65
Visões de um Poema	66
Cantiga do Instante Sóbrio	67
Manhã em Flor	68
Além do Além	69
Extremo Limite	70
<i>Tô Be or Not to Be</i>	71
Um Dia Seminu	72
Cantiga de Encantamento	73
Dos Mistérios da Vida	74
Um Momento de Van Gogh	75
Congruência Quântica	76
Sombra Humana	77
Poema de Amigo	78
Insensato Poder	79
A Vida pela Vida	80
Da Arte de Ser Nada	81
Lonjuras de Areias	82
Lucidez	83
O Silêncio e Zaratustra	84
O Meu Quintal	85
Flor do Viço	86

Meteórico Encanto	87
Poemeto Inocente	88
Sutil Segredo	89
Vidraça Antiga	90
Um Momento de Quíron	91
Fúria	92
Mirante	93
O Amor e sua Hora	94
Céu em Chamas	95
<i>Big Bang</i> Múltiplo	96
O Amor do Mundo	97
Estrela Fugidia	98
Poema do Amor Real	99
O Amor e suas Cores	100
Amor de Lhama	101
Labão e Jacó: Outro Paradigma	102
Meu Deserto	103
Quando Amo	104
Missiva de um Filho Pródigo	105
Horas Últimas	106
Um Certo Poema	107
Muito Além do Poema	109
 CONFLUÊNCIAS	 111
 LAMPEJOS	 145
Homem	149
Consciência	151
Poesia	153
Poema	154
Poeta	155

Crítico	156
Livro	157
Beleza	160
Inspiração	161
Angústia	162
Contradição	163
Revivência	164
Contraste	165
Esfinge	166
Loucura	167
Medo	168
Revolução	169
Hipocrisia	170
Ceticismo	171
Futuro	172
Silêncio	173
Superação	174
Harmonia	176
Felicidade	177
Convicção	178

Nota do Autor

Bennu, em uma de suas inúmeras descrições, corresponde à garça-real, a Fênix mitológica. Era para os antigos egípcios a ave sagrada de Heliópolis, à época uma das principais cidades religiosas do Egito, hoje correspondente a região localizada a nordeste do Cairo, às portas do delta do Nilo. Bennu é referenciada nos *Textos das Pirâmides*, datados de 4500 anos ou mais, escritos que trazem informações sobre o Antigo Egito. Bennu também foi associada às inundações do Nilo, bem como à origem da vida. Foi o grito da ave Bennu na criação do mundo que marcou o início dos tempos. Os antigos gregos identificaram Bennu com a Fênix. Segundo Heródoto, “Bennu surgia apenas a cada quinhentos anos”. De acordo com o historiador grego, “a ave criava uma fogueira na qual perecia e a partir da qual surgia uma nova ave”. Portanto, Bennu, de acordo com a mitologia, assim como a Fênix grega, era uma ave que, quando morria, entrava em autocombustão e, passado algum tempo, renascia das próprias cinzas. *O Retorno de Bennu* sinaliza uma mensagem – ainda que vaga – de renascimento... o Homem é o seu delta.

M.C.

A Específica Experiência Vital de Majela Colares

Alexei Bueno

Há algo de melindroso em escrever sobre a poesia lírica, sobretudo para o comum dos leitores, ou seja, desamparado de uma série de parâmetros críticos mais ou menos consensuais. Não há poeta que não tenha ouvido a terrível pergunta: “Sobre o que você escreve?” Ora, tal pergunta, absolutamente lógica e bem colocada em relação a um filósofo ou a um ensaísta, e ao menos compreensível para os que se dedicam à prosa de ficção, é bastante absurda e inoportuna em relação ao poeta lírico, já que, prescindindo quase sempre de qualquer narratividade, ele é aquele que escreve ao mesmo tempo sobre tudo e sobre nada, sobre os maiores e incontornáveis temas – a vida, o amor, a morte, a passagem do tempo, a impermanência das coisas, o existir neste estranho mundo no qual surgimos sem assentimento prévio –, e a sua arte é aquela que consiste no mais requintado e menos popular entre os gêneros literários, tantas vezes mais próximo da música do que daquilo a que muitos julgam limitar-se a literatura, o milenar “contar uma história”, a recém-lembrada narratividade, imprescindível à epopeia e à poesia dramática, mas geralmente inexistente ou puramente acessória no poema lírico.

Majela Colares, meu companheiro de geração, é exatamente isso, um poeta lírico, e, além disso, um lírico de forte tendência elegíaca, o que genealogicamente o filia entre nós, por essa índole, por essa procura de uma visão totalizante do real e pelo sentimento da dor de sua perda, a uma sólida ascendência que reúne nomes como os de Dante Milano, Abgar Renault, Cecília Meireles, Mauro Mota, Vinicius de Moraes, Ivan Junqueira, Ruy Espinheira Filho ou Denise Emmer, entre outros, formadores de uma espécie de rio subterrâneo que flui, incólume, entre a civilização do espetáculo, vigente em toda a parte, e a espantosa ignorância nacional.

O *Retorno de Bennu*, livro que o leitor tem em suas mãos, divide-se em quatro seções, “Percepções”, “Alumbramentos” – palavra que nos recorda imediatamente o nosso amado Manuel Bandeira –, “Confluências” e “Lampejos”, sendo que a primeira e as duas últimas são constituídas de uma forma entre o aforismo e o poema em prosa, esse admirável achado de Aloysius Bertrand em seu *Gaspard de la nuit* que, genialmente desenvolvido por Baudelaire nos *Petites poèmes en prose* e por Rimbaud nas *Illuminations*, entrou de maneira altamente prestigiosa século xx adentro, aí incluído o Brasil, com exemplos magistrais de Jorge de Lima, do pouco acima lembrado Manuel Bandeira, de Carlos Drummond de Andrade, de Mário Quintana e muitos outros. Já na segunda e mais vasta das seções deparamo-nos com a arte característica de grande parte da obra de Majela Colares, a de um consumado poeta lírico, oscilando, com notável liberdade, entre a forma fixa e o verso livre, mesma liberdade

com que prescinde das rimas ou as utiliza em suas numerosas espécies, das quais as relativamente bem divulgadas não passam das consoantes e das toantes. Em relação ao título, aparentemente enigmático, uma nota do autor nos explica que Bennu é o nome egípcio para a Garça-real, a Fênix da mitologia clássica, o que aclara tudo de forma meridiana.

Os cinco poemas em prosa que compõem “Percepções”, de um andamento rítmico irretocável, formam como um pórtico do livro. Se “Manuscrito” é uma crítica clara à automação da vida, e, mais ainda, da consciência humana, a reflexão sobre a Natureza dá origem a “Cantata” assim como, mas agora num nível cósmico, a “Miragem”. Já em “Mormaço” e “Ruminança”, a Natureza brilhantemente pintada é a do sertão do seu Ceará natal. Em todos os poemas o olhar em profundidade do poeta, aquele mesmo que dá origem a toda a filosofia, casa-se à sua específica experiência vital.

Já em “Alumbramentos”, a única seção de *O Retorno de Bennu* inteiramente composta em versos, o poema inicial, “Trilha Umbilical Remota”, que remete ao título, volta-se da Natureza para a História, inserindo-a, por fim, no seu quadro cósmico, enquanto a Natureza retorna, religiosamente, no poema em dístico que lhe sucede, “As Horas de Deus”. Pouco depois chegamos àquele que nos parece ser o poema central do livro, e que, muito coerentemente, lhe dá título. Vasta composição em versos livres, trata-se de um desses raros poemas totalizadores, um desses ainda mais raros momentos em que a visão do poeta, confundido com Bennu/Fênix, a que renasce eternamente das próprias